

GRANDES CENAS / MONTAGEM

EPISÓDIO 09: ROMANCE DA EMPREGADA

[ABERTURA]

[PRÉ-CENA]

- Fausta! Fausta, espera por mim. Espera! Eu já disse pra você que eu dou. Eu dou o dinheiro pra você guardar. Espera, não fica aborrecida. Eu dou o dinheiro pra você guardar, já disse que dou, Fausta.

MATHEUS

Romance da Empregada é uma história de amor às avessas: Fausta, uma empregada doméstica com o barraco ameaçado pelas chuvas, uma patroa insuportável, e um marido bêbado, encontra em Seu Zé, um velho asmático, a possibilidade de conseguir algum afeto. E dinheiro.

BRUNO

Quando eu começo a fazer um filme (e eu acho que muita gente), eu penso em referências e, e só tinha um filme que me vinha na cabeça, ahn, ahn... que era o "Feios, Sujos e Mal (/) vados" do Ettore Scola, que eu acho que é um dos melhores filmes dele. (/) Porque ele quebrava um paradigma do neorrealismo de que pobre é santo, de que pobre é bondoso. E o que eu gosto dessa história, um dos elementos que eu mais gosto nessa história do Naum, é que mostra que pobre pode ser tão maldoso, tão diabólico quanto o rico. Até porque vive em condições, né, muito mais precárias do que o rico, então que... (/) uma história de base neorrealista, mas que extrapolava o neorrealismo.

[IMAGENS DO FILME]

BETTY

O Bruno Barreto, na época, ele (/) fez ensaios, mas existe um processo meu de trabalho de personagem que é muito meu, muito solitário. Eu escrevo histórias da vida do personagem, que eu invento, até a hora de começar o filme (/) E aí depois você começa a mexer no corpo, e a postura... (/) Comecei a usar sandália de plástico, que na época eles usavam muito e que faz uma lama, uma paçoca quando o pé tá suado, né? (/) O Bruno quis que eu mexesse no cabelo, que eu fizesse um permanente de três cores e eu fiz. (/) Na época eu tava magra, malhando, tinha feito um musical, o Bruno queria que eu engordasse e eu engordei um pouco, dentro do possível.

- Ah, meu Deus do céu, olha... Olha só as coxas dela, moleque!

BRUNO

Quando os atores, ahn, tão acontecendo, ahn, eu... A melhor direção é eu ficar calado, porque eu acho que diretor modula o ator, quando o diretor tenta dirigir demais, ele ferra o ator, ele atrapalha o ator. Eu tenho um profundo respeito pelo ator, eu digo que eu não faço cinema de autor, eu faço cinema de ator.

BETTY

Então eu fui construindo essa mulher, entendendo essa mulher. (/) Aquela vida danada, (/) não tem dinheiro... (/) aquele cabelo que não tem tempo de tratar. (/) Aquele trem da Leopoldina, (/) com calor... (/) E trabalhar na casa da patroa na Zona Sul, que reclama, que bate pé.

- Fausta!

BETTY

E chegar em casa e aquele marido bêbado, que aí quebra a perna, porque é um inútil...

- Quebrou em três lugares. Vou ter que fazer tratamento.

BETTY

A revolta da vida daquela mulher que resolve... arranjar um velho, ah, ah, ah... E... eu fui me tomando de amores pela Fausta.

- Quero mais é ficar boneca.

- Esse é o esmalte que a Tina tá usando.

- É? Então pode passar. Com esse esmalte, todo mundo vai pensar que eu sou a Tina, eu vou até arranjar namorado. Já pensou, eu? De Tina?

BRUNO

Eu sempre deixo os atores muito à vontade, eu acho que o meu primeiro papel como diretor é criar uma atmosfera pros atores se sentirem mais à vontade o possível. E depois eu vou limpando, e... E eu dizia "olha, vamos, vamos se ater mais ao texto", eu fui vendo que o que estava vindo, sendo proposto, não era tão bom, e eles foram sacando isso, (/) de repente se

depararam, "não, isso daqui tem uma métrica, isso aqui, ahn, ahn, parece naturalista, parece coloquial, mas não é". (/) Aí eles começaram a falar precisamente, né, o, o, o texto. (/) Nelson Rodrigues parece naturalista, mas não é. Se você começar a sujar Nelson Rodrigues, você, você se ferra. E, e o Naum é a mesma coisa.

- Fausta...

- Eu tou cheia, fica aí! Fica aí! Não preciso do teu dinheiro, pode enfiar esse dinheiro no rabo. Eu fico sem casa, mas não vou ficar feito mendiga pedindo.

- Mas não vamos brigar por causa disso, Fausta. Tá aqui o dinheiro. Toma, guarda!

- O senhor vem comigo? Então corre, se não a gente perde o trem.

BRUNO

Eu acho que a crueldade, no Romance da Empregada, é um elemento presente em todos os personagens, quer dizer, eu acho que a crueldade, ela é inerente ao ser humano. (/) Agora ela tá sempre misturada com o afeto também, quer dizer, a Betty Faria ali, queria o dinheiro, o pouco dinheiro que o seu Zé tem, que é o personagem do Brandão Filho.

BETTY

Foi uma relação estabelecida com coisas materiais. Porque ele ia dar um dinheiro pra ela, e ele ficou enrolando ela com essa história do dinheiro. (/) Levou ela para passear em Paquetá com as amigas... (/) Ele queria ter a Fausta, ele achava a Fausta ótima, o máximo, e ela queria o seu Zé pra dar dinheiro pra ela. Pra ela, aquilo ali era um porto seguro.

BRUNO

Esse filme é um filme sobre como o, o, o dinheiro (/) se transforma em afeto, quer dizer, como o dinheiro pode ser (/) uma moeda do afeto.

- Eu não vou esperar. Que moleza! Eu que não quero ficar velha desse jeito, prefiro a morte. Anda, seu Zé!

- Vai indo que eu te sigo. Vai indo, Fausta! Não fica nervosa.

BETTY

Ela não tem paciência com o velho, "anda, que velho mole! Não quero morrer velha assim". Né? Ela tem isso. E é uma coisa que, que me fascina, essa coisa tragicômica porque a vida, ao mesmo tempo que é muito cruel, é muito dura, é muito engraçada. Eu adoro fazer trabalhos assim.

BRUNO

O Mel Brooks que fala, né, comédia é, você tá de um lado da rua e você vê do outro lado da rua uma pessoa andando na calçada e caindo num buraco. (/) Tragédia é você tá andando na calçada e você cai no buraco. Então é sempre uma questão de ponto de vista, e acho que as duas andam... Andam juntas. (/) E o tom dessa última cena era crucial. (/) É uma cena na fronteira do absurdo, se eu errasse no tom ali, ela não ficava crível, né.

BRUNO

Até porque (/) era uma cena, ahn, ahn, fundamental, é o climax, é o... (/) Aí é que a narrativa começa a, a ficar um pouco mais metafórica, porque tem a tempestade, né, e começa a ficar mais épica. Mas é, é o épico quem vem sempre de dentro dos personagens, pra mim tudo tem que vir dos personagens.

- O quê que o velho tem?

- Asma.

- Você vai embora com ele?

- Vou.

- E eu?

- Se vira!

- Vagabunda! Velho corno!

BRUNO

A condição, a circunstância daquela tempestade, vai completamente mudando a relação humana, e precipita, né, a verdade entre eles. E é uma verdade cruel.

- Fora dessa casa, os dois! Já falei pra sair.

- Ai, meu Deus, minhas coisas!

BRUNO

O valor que ela dá às suas pequenas posses, né, ela pega o que ela mais queria, que era o walkman, que era pra ouvir a Tina Turner, né, (/) são os objetos que a legitimam como pessoa, "ah, eu tenho isso aqui então eu existo, eu sou uma pessoa. Não posso deixar que a enchente leve isso aqui.

- Socorro, Faustinha!

BRUNO

As pessoas não importam, são descartáveis. Essas coisas, esses objetos não. Aí a crueldade...

BETTY

Eu procurava entender a cabeça dela, não com, com o moralismo cristão. (/) Entender o sentimento, a psicologia dessa pessoa, o que forma essa pessoa, o que faz essa pessoa chegar a esse ponto.

- Começo tudo de novo. Eu começo.

BRUNO

Era uma cena muito complicada do ponto de vista de execução da, pra produção, como viabilizá-la. Ela é uma cena que foi filmada em três lugares totalmente diferentes, é um quebra-cabeças. Né? A primeira parte foi filmada no estúdio, onde foi construído o barraco, onde a gente tinha filmado o resto do filme. (/) Aí, a partir de um momento, já é esse cenário dentro numa piscina. (/) Esse mesmo cenário foi transferido para uma piscina (/) que era lá no (/) complexo olímpico (/) do Maracanã, no Rio de Janeiro. (/) E a parte exterior que é o último plano, (/) a gente teve que pegar esse cenário e construir numa lagoa na Barra da Tijuca, pra fazer o plano final.

BETTY

E a equipe toda ficava na beira da lagoa e eu ia com o maquiador numa balsa, pra trás, pra aparecer, subir a escada. E a palavra de ordem da filmagem nesses últimos tempos era assim: "Câmara! tudo pronto?", "Tudo", "O quê que falta?", "Molha a Betty", era a palavra de ordem da filmagem, porque a Betty tinha que estar sempre molhada para a continuidade. Era a roupa molhada, o cabelo molhado, aquela coisa.

BRUNO

Eu sou um fã do storyboard. (/) Então essa cena, eu desenhei ela toda e depois eu ensaiei também, porque ela não é só uma cena (/) de planos e ângulos. (/) Tem uma coreografia ali, que não pode parecer coreografia, que tem que ser muito orgânica. (/) Então... (/) eu ensaiei e desenhei, fiz o storyboard de como eu ia filmar, pra gente saber exatamente: "Bom, até aqui eu filmo no estúdio, e a partir daqui (/) é o cenário dentro da piscina". E a progressão da água: "a partir daqui a água tem que estar aqui, porque vai ter esses planos... (/) Então tem todo um encadeamento ali, (/) Que é história em quadrinho, que é... né, que é a narrativa visual.

BETTY

Estamos aqui na balsa, segurando numa escadinha de madeira que eu ia subir, a Fausta ia aparecer no telhado. E aí: "O quê que falta?", aí lá no megafone, na beira da lagoa tinha gente gritando, "o que que falta?", "Molha a Betty!". (/) E tinha uma luzinha de serviço que eu não sei até hoje como ela estava acesa, que explodiu com a água, que explodiu no meu olho. (/) Naquela hora me deu um desespero tão grande, de ter um olho cheio de farelo de lâmpada, daí ao mesmo tempo aquela situação, que eu queria terminar, eu queria gravar, eu queria (/) que ficasse tudo pronto, tudo lindo de uma vez! (/) O que faz uma atriz filmar com o olho cheio de cacos de vidro? O que acontece na cabeça da gente nessas horas que a gente vai e faz?

MATHEUS

Fé cênica. Mesmo quando tudo parece surreal, bufo, inacreditável, "cinema demais", tem esse fio, conduzido quase sempre pelo ator, que nos amarra ao drama central de uma cena. É a fé cênica. Aqui, na cena final do "Romance da empregada", Betty Faria consegue um sentimento genuíno de sofrimento, apesar das interpretações quase caricatas dos personagens masculinos, da situação metafórica do barraco sendo inundado por água, e sobrevive com essa emoção a várias mudanças de câmara, de locação. No final, atravessa o telhado do barraco e, com calma, com uma paz de espírito inacreditável, olha pra tudo que não tinha valor e foi perdido.

BRUNO

Ao mesmo tempo em que essa enchente foi terrível, foi libertadora pra ela. (/) Eu acho que ela sai dessa enchente mais forte... E, ah, se esse filme continuasse, eu acho que a vida dela vai mudar ali. Ela acredita nisso.

[CENA]

- Cadê a muleta? Andou bebendo, sem-vergonha? Sabendo que ia ter enchente, ficou enchendo a cara. Tomara que morra, que eu vou dar muiuta risada.

- Não fala assim! E fecha essa porta, que tá frio, pô!

- Pera aí, deixa o velho entrar. Entra, seu Zé! Sai daí, João! Não fica estorvando, que eu tenho que arrumar as minhas coisas, que o rio vai encher.

- Quem é esse velho? Bem que me falaram que você tinha arranjado um homem. Pra fora! Pra fora! Fora da minha casa, vagabunda!

- À puta que o pariu! Agora é hora de me encher? Me ajuda aqui, seu Zé!

- Eu já disse: fora da minha casa, velho!

- Fausta...

- Quem não ajuda também não estorva.

- Vagabunda! Ainda traz homem pra dentro de casa? Fora, se não eu passo a faca nos dois.
- Não dá confiança, não, seu Zé, me ajuda aqui a arrumar as coisas.
- O que é que eu vou fazer?
- Eu quero salvar as minhas coisas. Ai, meu Deus, ainda nem acabei de pagar essa cama.
- Isso é maneira de falar com uma senhora? Para de xingar minha mulher, hein?
- Como, "minha mulher"? Eu casei com essa puta de papel passado! Puta!
- Calma, Fausta. Calma! Fausta, tenha calma! Uhhhh!
- Que foi, seu Zé? Vira aí, seu Zé!
- Ahhhhhh...
- O quê que o velho tem?
- Estafa.
- Você vai embora com ele?
- Vou. E daí?
- E eu?
- Se vira!
- Vagabunda! Velho corno! Fora dessa casa, os dois! Já falei pra sair.
- Ai, meu Deus, minhas coisas!
- Vocês vão ver só! QUando o meu pé sarar, eu vou atrás dos dois. E espeto os dois com o facão.
- Ai! Ai... Socorro! Faustinha...
- Fora da minha cama, eu já disse!
- Ai!
- Fora da minha cama, os dois! Fora!
- Fausta! Não faz isso com a gente, Fausta! Fausta, tem dó da gente!
- Ninguém nunca teve dó de mim.
- Ai!
- Não faz isso com a gente, Fausta!
- Começo tudo de novo. Eu começo.
- Bicho ruim não morre.